

# EDUCAÇÃO, ECOTURISMO E CULTURA EM IBERO-AMÉRICA

(eds.)  
ANGEL B. ESPINA BARRIO  
LUIZ NILTON CORRÊA  
TELMO PEDRO VIEIRA



## ANTROPOLOGIA E EDUCAÇÃO: OLHARES CRUZADOS E INTERDISCIPLINARES

Donizete Rodrigues<sup>168</sup>

### INTRODUÇÃO

O tema desta mesa de trabalho pressupõe três importantes conceitos que são, porém, muito complexos: educação, ciência e desenvolvimento social. Não estando habilitado para falar de ciência e desenvolvimento social (há colegas aqui na mesa e na audiência com melhor gabarito para o fazer), a minha (pequena) contribuição será sobre o conceito de *Educação*. Faço-o, principalmente, utilizando a minha experiência na leção de uma disciplina de pós-graduação, sobre Antropologia da educação, na Universidade de Brest (França), onde fui professor visitante (Rodrigues, 1998).

### NOTAS HISTÓRICO-TEÓRICAS

Sobre este tema, ou seja, uma reflexão sociológica e antropológica da Educação, uma das orientações teóricas mais relevantes é a Escola Sociológica Francesa - com início em finais do século XIX e início do século XX - com grandes destaques para Émile Durkheim (1858-1917) e, posteriormente, Pierre Bourdieu (1930-2002), nomeadamente na construção do importante conceito de *habitus*.

---

<sup>168</sup> Professor Associado com Agregação do Departamento de Sociologia da Universidade da Beira Interior e Investigador Senior do CRIA-Centro de Rede de Investigação em Antropologia. Portugal.

Nos anos de 1930, nos Estados Unidos, no contexto da escola de Cultura e Personalidade, a antropóloga Margareth Mead (1901-1978) faz da educação objeto de estudo privilegiado. Com uma preocupação educacional-pedagógica, na sua etnografia, buscava entender - tanto no contexto das sociedades primitivas (com a valorização da oralidade na transmissão do saber) quanto nas sociedades complexas (no caso a sociedade norte-americana), como valores, gestos, atitudes e crenças eram inculcados nas crianças pelos adultos, com o objetivo de formá-las para viver dentro da sua sociedade. Com um grande interesse na relação entre Antropologia e Psicologia, estudou as formas de aprendizagem existentes, os modos de transmissão de conhecimento das gerações mais velhas para as mais novas e a própria formação da personalidade (individual) e das ditas “personalidades culturais” (Mead, 1936).

Na década de 1960, a Antropologia, com a “morte do primitivo”, perde o seu objeto próprio de estudo - as sociedades ditas primitivas (sem escrita) - entra em crise e retorna a casa, ou seja, aos países centrais (Europa e Estados Unidos) produtores de teorias antropológicas. Escrevendo sobre o lugar da Antropologia, Claude Lévi-Strauss (1908-2009), pensador francês com grande influência na formação das ciências sociais no Brasil, explica que a Antropologia emerge de uma forma específica de colocar problemas - no início a partir do estudo das chamadas sociedades simples - tendo no seu desenvolvimento se voltado também para o estudo das sociedades complexas, com o sentido de entender a cultura e a vida social (Lévi-Strauss, 2011).



No início, como uma 'ciência das sociedades primitivas', a Antropologia praticamente não abordava a questão da educação. Mas esta situação muda com o retorno a casa, ou seja, com o estudo das sociedades complexas, exigindo, para isso, uma forte aproximação com a Sociologia e a inevitável releitura das obras de Durkheim.

## A ANTROPOLOGIA DA EDUCAÇÃO

Esta disciplina surgiu na década de 1960 e, como vimos, fortemente influenciada pela Escola sociológica francesa e, principalmente, pela escola antropológica culturalista norte-americana. Na década de 1970, ela enveredou com determinação nos estudos sobre educação, com trabalhos etnográficos sistemáticos.

O enfoque atual da Antropologia da educação são as instituições educativas como palco de fenômenos culturais. A Escola é um importante meio de acesso aos valores abrangentes da sociedade, dada a função de transmissão de valores, própria do sistema escolar, examinando os conflitos de cunho étnico e cultural que ocorrem na sociedade, ou ainda, investigando os processos de aprendizagem e os efeitos do ensino em contextos multiétnicos e multiculturais.

Esta disciplina estuda a dimensão social e, particularmente, a dimensão cultural do fenômeno educação. Mas, atenção. Quando os antropólogos falam de educação, não estão a falar de processos formalizados de ensino, tema tão caro à sociologia, mas sim de *processos sociais de aprendizagem*. Não podemos esquecer que a educação apresenta-se de maneira diferenciada em todas as sociedades

do mundo, ou seja, há diferentes formas culturais de transmissão de saber.

Neste contexto, um conceito fulcral que devemos entender é o que é educação?

## O CONCEITO DE EDUCAÇÃO

Para abordar o conceito de *Educação*, devemos, em primeiro lugar, dar voz a quem sabe. Vou então recorrer a um clássico da Sociologia - o mestre Émile Durkheim. Para este sociólogo francês, a educação consiste numa socialização metódica da nova geração pelas gerações adultas. É desta forma que a sociedade se forma e se reproduz ao longo do tempo, que constrói a sua memória coletiva - processo denominado de reprodução social (Durkheim, 1922).

Como vimos, Durkheim identifica educação com socialização ou endoculturação (no sentido antropológico), enquanto ação unilateral dos velhos para os novos e enquanto domínio do social sobre o individual. Portanto, educar envolve uma geração de adultos que sabe, outra de jovens que aprende e um processo de aprendizagem entre eles; o problema é entender esse processo e é aqui que entra a Sociologia e a Antropologia da educação.

Devemos agora atualizar o discurso e, para isso, vamos recorrer a um outro famoso membro da escola sociológica francesa: Pierre Bourdieu. Influenciado, principalmente, pelas suas reflexões sobre as contribuições sociológicas de Karl Marx, este antropólogo e sociólogo francês afirma que os valores e a reprodução do conhecimento não são consensuais na sociedade moderna. É preciso compreender as relações

existentes entre aquilo que a escola, enquanto instituição oficial, valoriza e ensina e os objetivos e a ideologia de quem está no poder. O que Bourdieu está a dizer é que não podemos esquecer que a questão do poder desempenha um importante papel no processo educacional e que o ensino preserva a desigualdade social. Considerando que há desigualdades de poder na interação ou relação social, não há neutralidade ou independência na educação, esta terá sempre uma intencionalidade, uma tentativa de moldar o outro (Bourdieu, 1998).

Outra ideia defendida por ele é que as ações pedagógicas exercidas pela família e pela Escola, às vezes não são complementares, mas sim conflituosas, pois, nesses casos, há um distanciamento muito grande entre a socialização, no âmbito restrito da família - o que Bourdieu denomina de *pedagogia particular* - e o ensino formal, intencional e organizado, que é a Escola.

Outro importante conceito que deriva da discussão sobre educação, no qual Bourdieu tem também um papel de relevo, é o de *habitus*.

#### **- O conceito de *habitus*.**

Desenvolvido na Filosofia por Aristóteles (século IV a.C) e na Teologia por São Tomas de Aquino (século XIII), o termo *habitus* é utilizado pela primeira vez na sociologia por Durkheim (1922), para significar as competências adquiridas pela criança no decurso da sua *educação* ou *socialização*.

Segundo Durkheim, para Bourdieu (1992) *habitus* é um instrumento conceptual que auxilia pensar a relação, a mediação entre os condicionamentos sociais exteriores e a

subjetividade dos sujeitos. É um sistema que envolve maneiras de sentir, pensar, agir, que são interiorizadas e incorporadas pelos indivíduos, em função das suas específicas condições de vida e trajetórias pessoais. Embora seja visto como um sistema engendrado no passado e orientando para uma ação no presente, é um sistema em constante reformulação; está, portanto, em constante construção ao longo do tempo.

No sentido antropológico, o *habitus* refere-se às práticas e ações próprias de uma cultura. É uma noção que auxilia a pensar as características de uma identidade social, ou seja, é uma matriz cultural que predispõe os indivíduos a fazerem suas escolhas no contexto do grupo/sociedade onde está inserido.

Aplicado ao processo educativo, *habitus* refere-se às disposições duráveis, matriz de percepções, juízos e ações que configuram uma "razão pedagógica", ou seja, à lógica e às estratégias que uma cultura/grupo desenvolve para transmitir seus valores. Bourdieu (1998) considera que o estudo do 'habitus' permite não somente entender os comportamentos individuais, como mostrar de que forma os *modelos de comportamento* são interiorizados pela educação, participando assim na *reprodução social*. Remete para as aprendizagens dos modelos de conduta, dos modos de percepção e de pensamento, adquiridos durante a socialização, onde a instituição *escola* tem um papel muito importante.

#### **- Antropologia da educação e diversidade cultural**

Após esta (breve) discussão teórico-conceptual sobre Antropologia da educação e *habitus*, é pertinente voltarmos

agora a atenção para a questão da educação e diversidade cultural; como exemplo, abordarei o caso dos ciganos no contexto educacional da sociedade portuguesa.

Partindo do pressuposto que a Antropologia da educação está orientada também para o estudo dos grupos étnicos, através da sua inclusão (ou não) numa determinada sociedade, o objetivo aqui é, a partir de uma reflexão teórica e conceptual de educação, discutir o modelo educacional multicultural da sociedade portuguesa, realçando um estudo de caso resultante da minha etnografia: a comunidade cigana. A minha discussão é baseada nas ideias de Pierre Bourdieu, nomeadamente no seu livro coletivo *La Misère du Monde* (1993), onde fala do sistema educacional oficial como forma de inclusão/exclusão social.

Em primeiro lugar, vejamos o modelo bourdiano de *topologia social* aplicado à situação da sociedade portuguesa. Na lógica da topologia social, o espaço geográfico é socialmente hierarquizado: centro/periferia; zonas urbanas ricas/zonas urbanas pobres; população pobre, espacialmente concentrada (enclaves étnicos), a viverem em zonas urbanas degradadas e “guetizantes” e em péssimas condições habitacionais; está é a situação predominante das minorias étnicas em Portugal, nomeadamente os ciganos e imigrantes oriundos de países africanos de língua portuguesa.

Seguindo ainda as ideias de Bourdieu, há nas sociedades contemporâneas uma dualidade de relações no sistema educacional, materializada da seguinte maneira: a) sociedades multi-étnicas-culturais *heterogêneas*, com sistema oficial de ensino *homogêneo* e b) a ideia de que quanto maior o

capital simbólico-económico maior o sucesso escolar - e o seu contrário. Vejamos o caso de Portugal.

### **- Escola e multiculturalismo em Portugal: o caso dos ciganos**

Devido à grande diversidade étnica da sociedade portuguesa, nomeadamente a partir de finais da década de 1980, com a entrada massiva de imigrantes - facto associado à presença de uma expressiva comunidade de ciganos (30-50 mil indivíduos), presente em Portugal desde o século XVI - o governo português criou, em 1991, o *Secretariado Coordenador dos Programas de Educação Multicultural*. A ideia era criar um grupo de estudo multidisciplinar (com uma expressiva participação de antropólogos e sociólogos) sobre esta recente diversidade étnica e cultural na sociedade portuguesa e tentar encontrar/propor um modelo educacional adequado/adaptado a esta nova realidade.

### **Resolveu o problema? Então vejamos os dois (antagónicos) modelos:**

O modelo educacional público, através da classe de professores, apresenta conteúdos programáticos e pedagogias predominantemente orientados para crianças brancas, de classe média, meio urbano e de confissão católica.

No modelo (cultural) de aprendizagem cigano, há a categoria de educadores informais: avós, pais e irmãos (mais velhos) e a valorização da oralidade em detrimento da escrita.

Numa perspectiva antropológica, há ainda a questão cultural da denominada ‘liberdade cigana’: a não valorização da escolaridade a partir do 4º ano e o abandono da escola. No caso das meninas acresce a proibição de se misturar com os

meninos após a menarca (1ª menstruação), por volta dos 10-12 anos de idade, e do casamento precoce. A comunidade cigana apresenta ainda um alto grau de pobreza, de discriminação social e de iliteracia no contexto familiar.

Uma das consequências desta situação é o latente conflito entre esses dois modelos. No “modelo cigano”, a escola é considerada por estes como um ambiente hostil, não há integração, há indiferença, desinteresse e consequente insucesso escolar (reprovação). Esta realidade vem reforçar o estigma social (no sentido preconizado por Goffman) de que há um défice cognitivo/“atraso” dos ciganos.

Na questão dos enclaves étnicos e concentração de alunos ciganos numa única escola, há duas possibilidades:

a) separação, com turmas mono-étnicas: com professores/as membros do grupo étnico, programas educacionais e práticas pedagógicas específicas para as minorias. Verifiquei esta situação numa etnografia que fiz numa comunidade cigana na Roménia.

b) modelo tradicional misto: inclusão social das minorias étnicas, interação no processo de aprendizagem, com a utilização de mediadores - que são membros do mesmo grupo étnico.

Na verdade, essa é uma questão muito complexa e, por isso, não há unanimidade na academia (antropólogos e sociólogos) sobre esta questão. Mas há um consenso: não há um modelo melhor do que o outro; a solução pedagógica depende muito das especificidades de cada situação. E isso coloca-nos uma questão importante: houve um fracasso da educação multicultural em Portugal?

Com base nas minhas experiências etnográficas com minorias étnicas, do meu ponto de vista há duas soluções possíveis: a) criar um modelo multicultural, com atividades educativas que valorizem os conhecimentos/saberes dos diferentes grupos étnicos, respeitando a diversidade cultural existente nas escolas; b) estudar todas as variáveis no processo de educação multicultural: etnia, religião, classe, género, língua capital simbólico/económico/sistema educativo e trajetórias de vida no espaço social.

Para finalizar, gostaria de realçar a pertinência atual de uma ampla e aberta discussão/debate sobre estes dois modelos educacionais e de aprendizagem no contexto das sociedades contemporâneas, cada vez mais multiétnica e multicultural.

## BIBLIOGRAFIA

Bourdieu, Pierre (1992). *Pierre Bourdieu avec Löïc Wacquant; réponses*. Paris, Seuil.

Bourdieu, Pierre (1993) (Dir.). *La Misère du Monde*. Paris, Seuil.

Bourdieu, Pierre (1998). *Escritos de Educação*. Petrópolis, Vozes.

Durkheim, Émile (1922). *Éducation et Sociologie*. Paris, PUF.

Lévi-Strauss, Claude (2011). *L'anthropologie face aux problèmes du monde moderne*. Paris, Éditions du Seuil.

Mead, Margareth (1936). “Culture and personality”. *American Journal of Sociology*, nº 4, pp. 84-87.

Rodrigues, Donizete (1998). «Do Oral ao Escrito: um discurso antropológico da educação», in Carreira, Teresa & Tomé, Alice (eds.). *Éducation au Portugal et en France: situation et perspectives*. Paris, L'Harmattan, pp. 99-106